

## Reticências

Por Ricardo CARVALHO CALERO

### 1

#### *Müncher-Madrid*

Antes de sobrevoarmos os Alpes nevados,  
estoutros de cúmulos recebem-nos e anunciam-nos.  
A esteira paralela de um congénere  
telegrafia-nos mensagens de solidariedade  
na soledade do abismo comum.  
Bebamos uns grolos de cerveja *spezialabfüllung*,  
engarrafada para Lufthansa,  
enquanto nom nos servem o almoço.  
Logo entregaremo-nos ao sono ou ao sonho,  
segundo o nosso gosto ou o nosso dever.  
E cando acordemos,  
estaremos a ponto de tomar terra,  
e, imperfeitos paxaros um intre fugidio,  
retornar à nossa natureza normal  
de répteis imperfeitos.

*A cauda do leom*

Nom queiras barbear-te enxabroando-te  
coa broxa que o leom tem no cabo da cauda  
e que lhe serve para enxotar as moscas  
e bater as ilhargas cando está enfurecido.  
Nom debes irritar  
a sua majestade indulgente e benévola  
com familiaridades excessivas,  
frivolidades nécias que esquecem as distâncias  
entre um cérebro humano e um poder  
real (dito em latim, *regalis vel realis*).  
Umha cousa objectiva, um rei da selva  
sempre é bestial. Nom devemos jogar  
co que nom é humano, inanimado ou  
animado, e puxarmos pola cauda  
da dura realidade ou a mole realeza.  
Expós-te a que te amostre que nom é capicua,  
e, voltando de súbito, che arranque a torpe mao,  
pois nom exclui a gala permissiva  
a fauce repressora.  
Assi é o mundo, e as cousas, e os leons.

3

*Les nourritures célestes*

Pido tal vez o que nom podes dar-me.  
O que talvez ninguém  
pode dar-me. Isso pido.

Mas se tenho necessidade  
desse alimento, pouco consolo é  
para a minha fome que tal grao  
nom se dê nas estepas desta terra.

Pede-lhe a quem me pujo neste mundo  
o pam que deveu pôr-me baixo o braço  
cando nacim.

Umha liçom de geografia económica  
nom é farinha para o coração.

*Cámara nupcial*

Acepilhando o meu cabelo, sentada  
perante o espelho, penso em ti.  
Mui perto, no leito nupcial,  
recostado sobre umha moreia de travesseiras,  
el, cenhoso, como sempre, lê o jornal.

Dentro de uns minutos, erguerei-me,  
espelirei as minhas chinelas,  
e, abrindo a cama da minha beira, resvalarei  
como numha morna e silenciosa água encorada.

El continuará a ler o seu jornal,  
e eu começarei a sonhar contigo.  
Polo dia, desperta, pensar em ti.  
Pola noite, dormida, sonhar contigo.  
El sempre, silencioso e cenhoso,  
a ler o seu jornal.

Agora estou a acepilhar o meu cabelo  
perante o espelho, onde te ergues ti  
como emergindo de um terso lago  
a cuja beira, nua, estou sentada.

Dentro de uns minutos, erguerei-me,  
espelirei as minhas chinelas,  
e, separando as mantas, escorregarei no leito  
onde el, cenhoso, está lendo o seu jornal.

Dentro de uns minutos, deixarei de pensar em ti  
e começarei a sonhar contigo.

5

*Elegia*

Lembro o que me figeste sofrer. Lembro  
o que che figem sofrer. Todo  
fantasmal me parece. A nossa vida.  
O nosso entorno. O passado. O porvir.

Tantos anos junguidos à mesma canga. Tantos  
abalando os pescoços para espilir o jugo.  
Humilhando as cabeças para sentir o jugo.  
Lembro o que me figeste gozar. Lembro  
o que che figem gozar. Todo  
estranho me parece. A tua morte.  
A minha vida. O ontem. O amanhã.

Rumiando o tempo e arrastando o carro  
juntos. Nem eu sem ti, nem ti sem mim.

Agora todo findou. Um breve instante  
ficamos alongados. Será pouco.  
Enquanto seja, não será verdade.  
Ainda eu viva. Ainda morto tu.

6

*Amor sem taxa*

Tanto se amavam, que se atormentavam continuamente. Demasiado amor é incompatível coa felicidade. Felicidade e amor em grandes doses nom podem misturar-se. Nom cabem juntos no pequeno vaso do coração. Quiçá um amor cativo e umha felicidade altiva podem conviver. Ou quiçá um amor excelso e umha felicidade subalterna. Se nom é assi, derrama o coração felicidade, amor, os dous, o sangue que necessita a vida. Pode ser que um grande amor de meu che poda dar umha felicidade grande a ti, e vice-versa, mas à condiçom de que nom haja reciprocidade na dimensom do mútuo amor. Nom é fonte de dita um infinito amor. Tanto se amavam, que se atormentavam por qualquer cousa. Um vaso o coração que derrama o seu sangue se o enchem mais do que aturar naturalmente pode. Mas sem taxa se amavam ambos, e nengum dos dous podia ser feliz.

7

*Chuva primaveral*

Chuva primaveral lavou o dia.  
Aranheiras de sonhos embrulhavam-no.  
Ei-lo a sair do banho. Um neno loiro,  
sol nos cabelos e na face o abrente.  
Como umha nai a primavera, nova,  
alça gozosa ao céu a sua criança  
que brancamente ri nos braços puros.

*Sans prendre congé*

Inesperadamente  
foi-se. Nom deixou carta alguma  
para a viúva, explicando a sua marcha,  
nem tencionando consolá-la, nem  
falando-lhe de um reecontro no além.  
Nom fijo testamento.  
Fora um sério burocrata municipal,  
correcto e frio.  
Algum dia pensou, sem dúvida,  
que nom tinha sentido prolongar  
umha vida carente de sentido.  
E foi-se. Nada o fazia prever.  
Parecia aceitar, coma ti, coma mim,  
a natural rotina,  
as convençons sociais correspondentes  
ao seu modesto e digno estado. Mas, sem dúvida  
a sua alma pendia de um fio  
de um signo de interrogaçom,  
como a carne de um gancho numha carniçaria.  
Acharia-se, talvez, de mais;  
creu que ninguém, se ele se ia,  
o acharia menos,  
e foi-se, sem dizer adeus.  
pensaba mais da conta, quiça.  
Quiçá filosofava.  
Filosofar é propriamente nom viver.  
Viver é propriamente nom filosofar.  
E deixou de viver. Filosoficamente.

9

*A visita*

Vinham aqui para os visitar,  
e nom os achei.  
Foram-se.  
Caminho errante e só polas ruas  
onde pensava abraçá-los.  
Eles já nom estão aqui.  
Estão juntos noutro lugar.  
Eu estou só neste lugar.  
Na cidade onde todos nacemos.  
Todos estão deitados e dormem.  
Menos eu, que estou de pé e desperto.  
Estou canso de os buscar.  
Eles esperam sossegados por mim.  
A chave que abre a grade que os afasta  
pode cair-me nas maos  
onde quer que eu esteja.  
Regressarei à cidade em que vivo,  
e esperarei ali.  
Onde quer que eu esteja, saberám  
o meu endereço, e enviar-me ham  
a chave que abre a grade que os afasta de mim,  
e o carro para deslocar-me ali.

10

*Somos*

Somos os pacifistas,  
que andamos dando guerra.

Somos as feministas,  
que vestimos de home.

Somos os poetas eróticos,  
impotentes no tálamo nupcial.

Somos os sacerdotes,  
que nom cremos em Deus.

Somos os comunistas,  
mui zelosos da nossa propriedade privada.

Somos os homes —e as mulheres—. Inumanos,  
como cumpre à nossa humana condiçom.

Se os nossos nomes e as nossas condutas  
nom foram como som contradiçom,  
só seríamos sombras.

Mas somos realidade, e por isso  
somos assi, contrários do que sômos.

11

*Palco*

Que mais tem  
que seja hoje ou amanhã?  
Todos os dias som o mesmo dia.

Que neno gigante  
joga aos bonecos connosco?  
Um dia ou outro há-nos escachifar.

É bom director.  
E nós chegamos a crer  
que somos o que representamos.

Mas el enfeitou-nos assi,  
e move-nos para satisfazer  
a sua necessidade de criar.

O drama está dividido em cenas.  
E desfilamos polo palco, entrando ou saindo,  
segundo as exigências do papel.

Só o director é titular.  
Os actores somos eventuais.  
Pouco importa que o cesse seja hoje ou amanhã.

12

*Mistérios*

Mistério da minhoca,  
que, se a fás dous anacos,  
cada um vai a sua via.

Ou mistério da melfa:  
órgao de muitos seres  
ou ser de muitos órgaos?

Ou mistério de ti:  
és umha deusa ou és  
morada de umha deusa?

Ou mistério de mim:  
som o sonho de um deus  
ou um deus é o meu sonho?

13

*Ser*

Se somos como somos, por que pujo  
quem a pujo esta arela  
de sermos de outro jeito,  
no nosso coraçom?

Seríamos felizes conformando-nos  
com sermos como somos, ignorando  
que de outro jeito poderia ser.

Ou bem é que nom somos como somos,  
mas como quereríamos  
ser, porque o ser nom é  
o que se é, mas o que se deseja  
ser, e a felicidade  
é resignada morte, e é a vida  
a desgraça de querer ser outrém?

Renunciando assi à felicidade  
e a sermos como somos,  
e assumindo a desdita  
de querer sermos de outro jeito, somos  
talvez o que realmente  
somos ao sermos um desejo puro  
de outros querermos ser.

Porque talvez o sermos nom é sermos,  
se nom nom querer sermos como somos,  
e aquilo que nom somos querer ser.